



2003/12/06

## A ESPECIFICIDADE MILITAR NOS ESTABELECIMENTOS MILITARES DE ENSINO UNIVERSITÁRIO

*João Vieira Borges*

Para quem teve o privilégio de, ao longo da sua carreira militar, ter servido como professor durante cerca de seis anos e como comandante de companhia e de batalhão durante três anos no Corpo de Alunos da Academia Militar, para além de ter tido a oportunidade de visitar outras quatro Academias Militares (Espanha, Reino Unido, França e EUA), escrever umas palavras sobre a especificidade militar dos Estabelecimentos Militares de Ensino Superior (EMEU) é uma tarefa que estará, à partida, substancialmente facilitada.

E começamos pela missão dos EMEU, desde o início do século XVIII (caso de 1802 para França e EUA e de 1837 para Portugal), orientados fundamentalmente para a formação de base dos futuros Oficiais, em várias componentes (científica de base, de índole técnica e tecnológica, comportamental, e preparação física e de adestramento militar), no sentido de lhes dar toda as condições necessárias para a adaptação a novas situações de guerra e de paz.

O que tem variado ao longo dos tempos, têm sido sobretudo as competências que são exigidas ao Oficial, em função da evolução tecnológica e científica, da evolução da guerra, da evolução da sociedade e do Mundo em que está inserido.

Basicamente, o Oficial foi sempre formado para Comandar, muito embora em determinados períodos da História a formação fosse orientada especificamente para a função de Comandante do Pelotão que o esperava à saída do EMEU, numa guerra algures na Europa ou em África. Noutros períodos, a preocupação da formação foi mais orientada no sentido do Comando de vários escalões ao longo da carreira, o que implicou a necessidade de uma formação inicial mais global, que lhe assegurava os conhecimentos necessários para o desempenho de diversas funções, desde a de “educador do povo”, à de administrador.

Assim, eis os primeiros dois aspectos fundamentais da especificidade militar nos EMES:

- Os Alunos são formados para Comandar Soldados, na Paz e na Guerra; • Os Alunos são destinados a uma Única Entidade Empregadora, a Armada, o Exército, a Força Aérea, a GNR...

Outro aspecto importante, tem relação directa com o social, com o papel do Oficial formado nos EMEU na sociedade que o envolve, com o prestígio da sua instituição e da sua escola de formação e com o reconhecimento da sociedade relativamente à farda que enverga. E aqui, tem havido um cuidado muito especial da instituição militar e em particular dos EMEU portugueses (Escola Naval, Academia Militar, Academia da Força Aérea) no acompanhamento do que de melhor se faz na sociedade envolvente, no sentido de ministrar uma formação de qualidade, reconhecida pelos seus pares, não só em termos dos cursos, dos corpos docente e discente, mas também do cuidado em satisfazer com eficiência e eficácia a entidade empregadora.

Será fácil constatar, que hoje, desde os EUA à Rússia, a consolidação destas componentes académicas e científicas valorizam o Oficial enquanto cidadão, com responsabilidades de nível superior, que o colocam no mesmo patamar dos seus pretensos pares. A recente preocupação com a evolução da componente científica, no sentido da adequada equivalência com cursos civis, só poderá ser negativa se for em detrimento do peso (ou da qualidade) da componente militar e comportamental. Neste caso, mais um apontamento para a especificidade militar:

- Que a mais valia do Ensino nos EMEU está sobretudo na possibilidade de ministrarem formação cívica e militar adequada ao desempenho de funções únicas na sociedade; defender a Pátria mesmo com o sacrifício da própria Vida.

A base da especificidade está, portanto, na formação militar e comportamental, responsabilidade primária do Corpo de Alunos das diferentes Escolas, mas extensiva a todos os actores dos EMEU, desde o Sargento, ao Professor, passando pelo Oficial nas suas mais diversas funções.

E, na formação militar e cívica, a especificidade militar não é exclusivamente a "farda", "a pontualidade", "o sistema presencial", o "espírito de cidadania", apesar da sua importância (sobretudo no seu conjunto) na formação dos futuros Oficiais. Estes aspectos foram ontem, e são hoje, cultivados por vários Estabelecimentos de Ensino não Militares, normalmente de Excelência, que têm nas regras de acesso rigorosas e no corpo docente de grande qualidade, outros atributos.

A especificidade militar é a cultura permanente dos valores da instituição (que se constrói em parte com o rigor do cerimonial, com uma maior ligação às unidades que irão servir, com mais visitas, mais conferências com experiências de militares mais antigos, mais exercícios militares no terreno...), é a tomada de consciência de que a função primária de Comandar é diferente de Mandar (é a vida e não o emprego dos Soldados que está em causa), é a noção de que Servir o País está sempre em primeiro lugar.

A especificidade militar passa ainda por um Corpo Docente, com professores civis e militares, heterogéneos na formação, mas homogéneos no espírito de bem servir, de formar melhor os alunos com graus elevados de exigência.

A especificidade militar passa ainda pelo desenvolvimento das ciências e tecnologias militares, no sentido de as actualizar em face das rápidas alterações que vão sofrendo, desde a estratégia, à tática, à logística, à legislação militar, à organização militar, ao armamento, à organização do terreno, à história militar, à liderança militar.

A especificidade militar é também dispor nos EMEU de uma cadeia de comando que dê diariamente o exemplo da cultura institucional da Instituição Militar e que tem necessariamente de ser diferente da organização e gestão de uma universidade pois só assim constitui um comportamento organizacional mais próximo da realidade que os alunos irão enfrentar, o que necessariamente transporta consigo mais vantagens do que inconvenientes.

Um das grandes dificuldades dos diferentes EMES, está hoje na crescente dificuldade de adaptação dos jovens a estes valores (até porque a sociedade e a família dificilmente os cultivam) e na solução a encontrar, em cada País e em cada Instituição, no sentido da mais fácil integração das várias componentes, académica e militar. Conseguir continuar a criar nos alunos um invulgar espírito de bem servir e desenvolver qualidades como a camaradagem e o espírito de sacrifício, a par de níveis elevados de conhecimento científico, pressupõe eventualmente novas modalidades de ensino, que outros países têm encontrado recentemente, concentrando, por exemplo, a componente militar no início da formação.

Ceder ao mundo académico em geral, na área das ciências militares e, sobretudo, na formação militar (a instrução), é retirar os verdadeiros pilares da especificidade militar. A sobrevivência dos EMEU só se justifica se, como Sebastião Telles escreveu, continuarem a existir (e a ser cultivados) os conhecimentos militares [1].

Só assim poderemos ter o Oficial guerreiro-universitário, "que terá de ser sempre guerreiro, com suporte e formação universitária e não universitário para ser guerreiro, e que terá de ser Comandante com elevados conhecimentos e não um universitário que também pode comandar".

Não tendo concorrentes em termos de mercado de trabalho, e avaliando-se os resultados em função da participação de todos e de cada um na defesa dos interesses nacionais, desde a Bósnia a Timor e ao Iraque, os EMEU funcionam também como servidores do Estado, no sentido da consolidação da reserva moral, e dos valores de cidadania, a bem de um futuro com mais paz mas também com mais desenvolvimento.

É isso que faz com que de 25 em 25, ou de 50 em 50 anos, se reúnam nos diferentes EMEU os camaradas e amigos que serviram as Forças Armadas e o País em diversas funções, em tempo de Paz e Guerra, na sua grande maioria como actores importantes, se não decisivos, na construção das páginas mais ou menos recentes da História de Portugal.

[1] Num mundo cada vez mais globalizado e por inerência multidisciplinar, é necessário salvaguardar as nossas áreas específicas, a não ser que aceitemos que civis, sem terem vivido nas "paredes" da instituição militar, sem terem servido nos valores da instituição militar e, muitas vezes, sem terem o sentido de responsabilidade que lhes deveria advir como verdadeiros cidadãos, passarem a ser os especialistas (mesmo opinion makers) de áreas como Estratégia, Tática, Logística Militar, Organização Militar, Polemologia, etc.

## **19 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2011/05/20**

**CONTEÚDOS DE E-LEARNING DA NATO/PFP USADOS NO ENSINO UNIVERSITÁRIO EM PORTUGAL**

*Manuel Borges Gonçalves[1]*

**2009/06/08**

**AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO ENSINO SUPERIOR MILITAR**

*João Vieira Borges[1]*

**2008/03/10**

**UM OÁSIS NO “DESERTO” PORTUGUÊS: O COLÉGIO MILITAR**

*João Brandão Ferreira*

**2007/05/28**

**AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS HUMANOS E A FORMAÇÃO” (IV)**

*João Pires Neves[1]*

**2007/03/20**

**MULHERES NA INFANTARIA**

*João Brandão Ferreira*

**2007/02/21**

**REPÓRTERES DE GUERRA. FORMAÇÃO[1]**

*Paulo Sales Grade*

**2006/09/21**

**BOLONHA, O ENSINO SUPERIOR MILITAR E A QUALIDADE**

*Casimiro Pacheco Talhinhos*

**2006/09/14**

**QUESTÕES QUE SE PÕEM AO ENSINO SUPERIOR MILITAR**

*João Brandão Ferreira*

**2006/07/07**

**O COLÉGIO MILITAR PARA ALUNOS EXTERNOS?**

*João Brandão Ferreira*

**2006/05/25**

**FORMACION Y TRANSFORMACION MILITAR**

*Miguel Fernández y Fernández[1]*

**2006/01/04**

**A REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR MILITAR; O PROCESSO DE BOLONHA E A UNIVERSIDADE DAS FORÇAS ARMADAS**

*João Brandão Ferreira*

**2005/09/24**

**A CRIAÇÃO DO “INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES”**

*João Vieira Borges*

**2005/06/29**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO DO IAEFFAA**

*Eduardo Silvestre dos Santos*

**2005/05/14**

**FINALMENTE A REFORMA DO ESM EM PORTUGAL**

*João Vieira Borges*

**2005/03/23**

**A UNIVERSIDADE DE DEFESA NACIONAL DOS EUA**

*João Vieira Borges*

**2004/12/14**

**PROCESSO DE BOLONHA: PENSAR HOJE UM FUTURO MELHOR**

*João Vieira Borges*

**2004/01/30**

**O ENSINO SUPERIOR MILITAR UNIVERSITÁRIO NOS EUA – O CASO DE WEST POINT**

*João Vieira Borges*

**2004/01/29**

**O ENSINO SUPERIOR MILITAR UNIVERSITÁRIO EM FRANÇA: O EXEMPLO DE SAINT-CYR**

*João Vieira Borges*

**2003/06/12**

# O CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA ACADEMIA MILITAR (CINAMIL)

*João Vieira Borges*